

Educação num clique

SESI incentiva a inclusão digital para melhorar a qualidade da formação de trabalhadores da indústria

POR FERNANDA PARAGUASSU

CONHECIMENTO ITINERANTE:
unidade móvel com dez microcomputadores permite ao Sesi-CE estender o ensino a regiões mais afastadas



NA ERA DO CONHECIMENTO, DAR UMA OPORTUNIDADE É PERMITIR o acesso à tecnologia da informação. Se até há pouco o Sesi recomendava o uso da televisão e do vídeo em sala de aula, agora é a vez do computador se somar a esse ambiente. O Departamento Nacional do Sesi tem uma linha de financiamento para as unidades regionais interessadas em adotar projetos de inclusão digital e ainda presta assessoria na implementação. Os de-



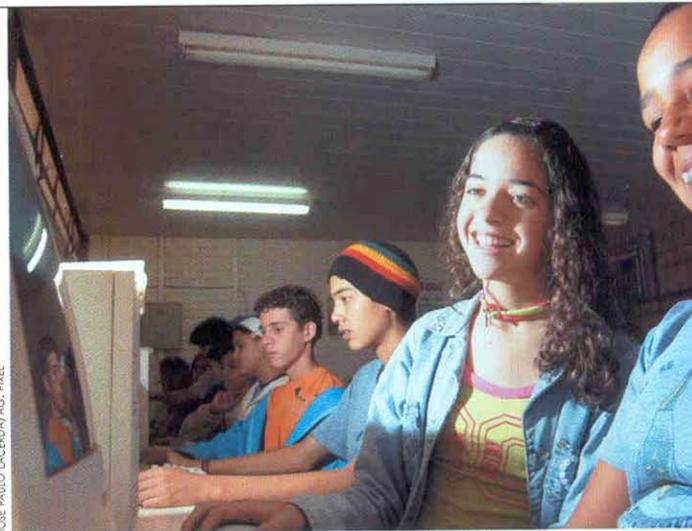
partamentos de Santa Catarina, do Ceará, da Paraíba e do Mato Grosso do Sul já adotaram os seus.

Segundo Alvaro Diaz, assessor regional da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), os próximos dez anos continuarão a ser uma fase de intensas mudanças tecnológicas. Por isso, é preciso investir nos trabalhadores de agora. Diaz prevê que 75% da população que hoje está em idade de trabalhar, ou seja, entre 15 e 64 anos de idade, ainda farão parte da força de trabalho em 2015. “A aprendizagem continuada é fundamental. E a empresa que investe nos seus funcionários será mais competitiva”, afirma.

Desde 1998, a educação do trabalhador passou a ser uma prioridade estratégica para o SESI, com o objetivo de elevar a escolaridade da mão-de-obra da indústria. Nos últimos seis anos, cerca de 6 milhões de trabalhadores acima de 15 anos de idade aumentaram seu grau de escolaridade por meio do Programa SESI Educação do Trabalhador, uma proposta de educação desenvolvida em parceria com instituições públicas e privadas e adaptada às necessidades de jovens e adultos que trabalham no setor industrial. Ao contrário das escolas convencionais, no programa o aluno pode começar seu estudo a qualquer momento e de onde parou.

ACESSO ORIENTADO

Desde o ano passado, duas novas metodologias têm sido acrescentadas ao conteúdo pedagógico para melhorar a qualidade da educação do trabalhador: empreendedorismo e inclusão digital. A idéia dos projetos de inclusão digital do SESI não é oferecer um curso profissionalizante de informática, mas permitir que o aluno acesse o computador, sob a orientação de um professor, para fazer pesquisas na internet, digitar textos e utilizar outras ferramentas importantes para o seu dia-a-dia. “Há uma proposta pedagógica para o uso do computador. O objetivo é buscar na tecnologia novos caminhos para o ensino do português, da matemática e outras matérias”, diz a gerente de educação de jovens e adultos do Departamento Nacional do SESI, Goretti Pinho.



JOSE PAULO LACERDA/AG. FINEZ
CONECTADOS: alunos da 8ª série do Centro de Ensino Fundamental de Sobradinho (CE) se integram ao mundo via internet

As aulas são realizadas em laboratórios de informática do SESI ou nas próprias empresas que solicitam o serviço, sempre em horários flexíveis, e atendem diversos segmentos da indústria. Na Paraíba, por exemplo, a primeira fase do curso começou em novembro com a participação de cerca de 200 alunos, empregados de empresas dos setores têxtil, calçadista, de celu-lose e papel, de metalmeccânica, de alimentos, de material médico-hospitalar, da construção civil e de mobiliário. Quando suprir toda a demanda da região do parque industrial de Campina Grande, o SESI paraibano se voltará para as indústrias têxteis do Alto Sertão.

No SESI do Ceará começou a ser utilizada uma unidade móvel, com 10 micros, que permitirá atender mais alunos. O maior empecilho à participação de maior número de empresas era a falta de espaço físico. O objetivo do projeto do departamento regional cearense é estimular o hábito da leitura. Uma avaliação do desempenho dos alunos do programa SESI Educação do Trabalhador feita pela Unesco mostrou que o aluno não sabe ler, apenas decodifica as letras, mas não compreende a idéia do texto. Aliás, uma realidade em todo o País.

Por isso, neste ano, o SESI do Ceará decidiu acoplar o projeto da biblioteca itinerante ao da inclusão digital. Três caixas com o material de leitura circularão pelas empresas e o aluno poderá levar o livro para casa. “Ao despertar o gosto pela leitura via tecnologia, o aluno não perderá o contato com livros, revistas e jornais”, explica a coordenadora de educação do SESI-CE, Maria do Carmo Aguiar.



JOVENS DESIGUAIS

A maioria dos jovens brasileiros não sabe usar o computador, revela a pesquisa Juventudes Brasileiras realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que será divulgada neste semestre.

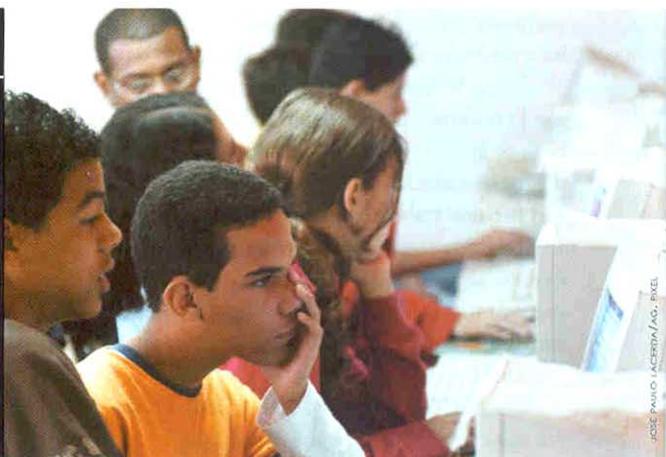
De acordo com a pesquisa, 59,8% dos homens e 56,9% das mulheres declaram não saber usar computador. Por grupos etários, quanto mais velho, maior o desconhecimento – 53,9% dos homens de 15 a 17 anos disseram não saber usar o micro, enquanto na faixa etária de 27 a 29 anos esse percentual sobe para 71,1% dos entrevistados. O mesmo acontece com as mulheres.

Os dados também mostram que o percentual dos homens (14,6%) que sabem utilizar diversos programas é maior que o das mulheres (13,2%). Por faixa etária, a variação não é tão forte. Os maiores percentuais de proficiência no uso do computador abrangem jovens de 18 a 23 anos de idade.

Foram feitas 10.010 entrevistas com jovens brasileiros de 15 a 29 anos de idade. O objetivo da pesquisa da Unesco é elaborar um amplo mapeamento da realidade das diferentes identidades juvenis existentes no País.

A Escola Euzébio Mota de Alencar, do Sesi de Parangaba, em Fortaleza, adotou também um projeto de inclusão digital para desenvolver a consciência crítica e social do aluno em parceria com o Comitê para Democratização da Informática (CDI), discutindo em sala de aula temas como violência, drogas e prostituição. O CDI é uma ONG criada em 1995 para promover a inclusão digital, utilizando a tecnologia da informação como instrumento para a construção e o exercício da cidadania.

A professora do Laboratório de Informática de Parangaba, Maria Andréia Pereira de Araújo, diz que chegar perto de um computador era o sonho de muitos alunos. “O computador deixou os alunos mais motivados a aprender. Alguns já falam até em continuar estudando mais adiante”, diz. “Os alunos ficaram curiosos e empolgados com a nova possibilidade de aprendizado”, afirma o professor do Centro de Atividades do Sesi de Campo Grande (MS), Gustavo Martins Pereira. Para o trabalhador da indústria e



DESCONHECIMENTO: mais da metade dos adolescentes do País nunca lidou com um computador, aponta uma pesquisa da Unesco

aluno do projeto de Parangaba, Sezanildo da Silva Paula, o projeto dá a esperança de encontrar um emprego melhor. “É uma oportunidade que caiu do céu para mim”, afirma ele.

MAIS EXIGÊNCIA

Ao mesmo tempo que as empresas investem cada vez mais em tecnologia nos seus processos produtivos, as exigências feitas aos funcionários aumentam. Algumas indústrias já não contratam empregados que não tenham concluído o ensino fundamental – o antigo 1º grau. É o caso da unidade de Lages (SC) da Klabin, do ramo de celulose e papel, que apresentou o programa de inclusão digital do Sesi aos funcionários no mês passado. Aos antigos que não tenham 1º grau completo, a empresa oferece formação educacional.

Para a coordenadora de Recursos Humanos da Klabin de Lages, Cleide Carrara, é melhor investir no funcionário antigo do que contratar novos. “O custo do desligamento e do treinamento de um novo funcionário é alto”, diz. “Há funcionários antigos, com mais de dez anos de casa, que são tecnicamente bons e que precisam concluir a formação escolar.” Os funcionários da Klabin de Lages terão aulas de matemática aplicada, línguas, produção de texto e artes no computador com o uso de *softwares* desenvolvidos pelo Sesi de Santa Catarina.

A Seara Alimentos, no município de Seara (SC), também solicitou o programa de inclusão digital ao Sesi. Na empresa os testes para promoção de cargos

exigem noções de computação. Eliana Mior, há cinco anos na empresa, trabalha no controle de qualidade da Seara e utiliza planilhas no computador. “O curso é bom para se atualizar e melhorar a digitação”, diz ela. Antes de começar o curso, Luís Machado, ajudante de produção na Seara, só sabia ligar o computador. Agora, já tem noções de computação.

SEM SURPRESAS

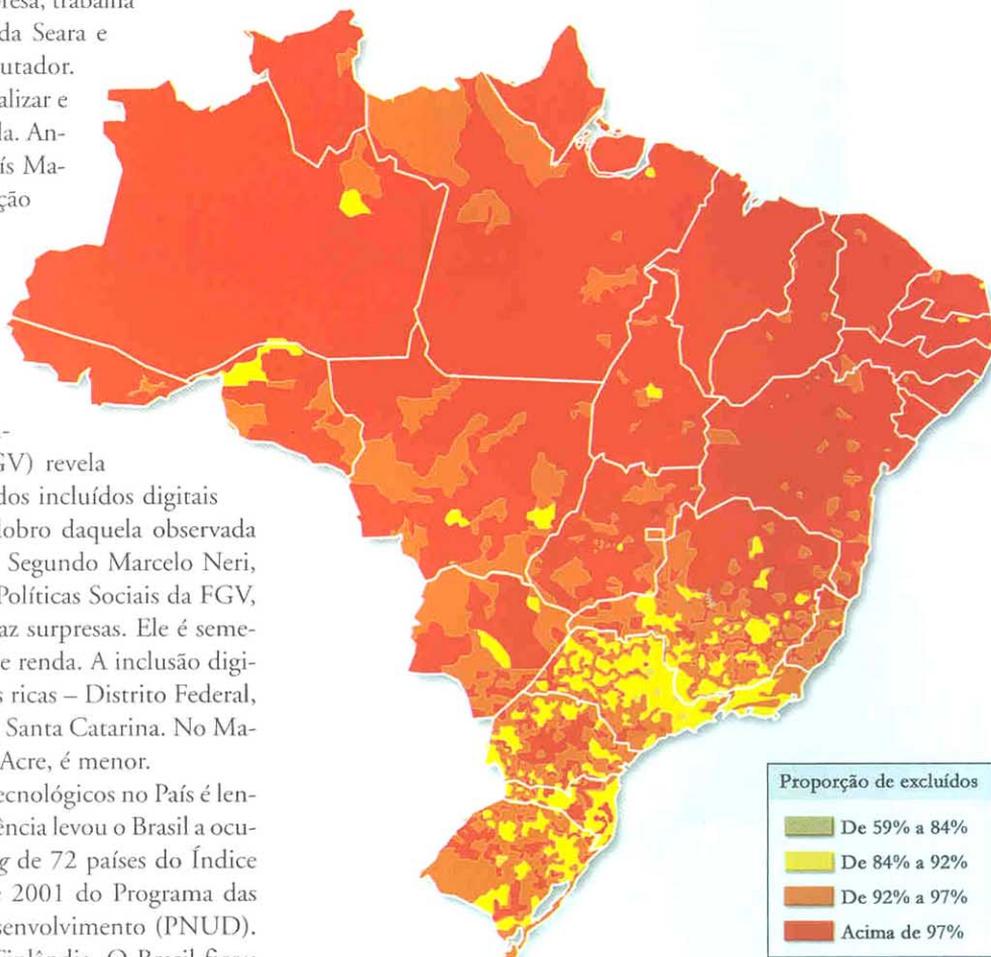
O Mapa da Exclusão Digital elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) revela que a escolaridade média dos incluídos digitais é de 8,72 anos, quase o dobro daquela observada entre os excluídos digitais. Segundo Marcelo Neri, economista do Centro de Políticas Sociais da FGV, o mapa da exclusão não traz surpresas. Ele é semelhante ao da distribuição de renda. A inclusão digital é maior em regiões mais ricas – Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. No Maranhão, Piauí, Tocantins e Acre, é menor.

A difusão dos avanços tecnológicos no País é lenta e incompleta. Essa deficiência levou o Brasil a ocupar o 43^o lugar no *ranking* de 72 países do Índice de Avanço Tecnológico de 2001 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A lista é encabeçada pela Finlândia. O Brasil ficou no time que inclui países como Uruguai, Tailândia, China e Índia, grupo que se destaca pelo uso intenso de novas tecnologias, mas onde sua difusão exclui grande parte da população.

A falta de investimentos em inclusão digital pode resultar em aumento da desigualdade de renda, uma vez que as pessoas com acesso à tecnologia da informação terão condições de conseguir os melhores empregos. Para ampliar o acesso à tecnologia da informação, Marcelo Neri, da FGV, defende linhas de financiamento para pessoas, comunidades e empresas, combinadas com programas de doação de computadores a instituições que socializem o uso dos micros. “Não acredito em um computador em cada casa, é preciso explorar os centros comunitários”, diz o economista.

O assessor regional da Cepal concorda com a necessidade de programas de acesso universal. De acor-

MAPA DA EXCLUSÃO DIGITAL



Fonte: Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas

do com a Comissão, o Brasil gasta 8,4% da renda *per capita* média anual em tecnologia da informação, enquanto em países desenvolvidos esse gasto cai para 5%. “A principal barreira de acesso à tecnologia da informação no Brasil é o alto custo da conexão”, diz Alvaro Díaz, da Cepal, que também defende mudanças regulatórias para estimular a concorrência no setor de tecnologia da informação.

Segundo Neri, iniciativas na área de inclusão digital são bem-vindas, “quando bem estruturadas”. A inclusão digital ataca a pobreza em duas frentes: a do crescimento econômico e a da redução das desigualdades. Esse tipo de política, segundo o economista, tem o potencial de transformar a vida das pessoas. “É a democratização do conhecimento”, afirma. 